

## Ciência da “Administração Verde”

Eduardo Athayde

Eduardo Athayde é Bacharel em administração de Empresas e MBA pela Harvard University é membro da equipe internacional de pesquisadores do WWI-Worldwatch Institute e diretor do WWI no Brasil. Membro de conselhos de fundos de investimento privados, focados na sustentabilidade, na Europa e nos Estados Unidos, é palestrante convidado em eventos sobre sustentabilidade em várias partes do mundo, articulista de jornais e revistas no Brasil e no exterior e consultor focado em métricas da sustentabilidade. eduathayde@gmail.com

Informado por este egrégio Conselho Regional de Administração que havia sido escolhido “Administrador Emérito”, honraria para mim tão distante, fui surpreendido pelo inesperado. Recobrado do susto, lisonjeado e honrado, fui tomado de satisfação ao constatar que este Conselho, sensível, está permeado pelos eficientes princípios da sustentabilidade, impulsionando mudanças.

Nos primeiros contatos com a ciência da administração, na Universidade Católica do Salvador, recebi os ensinamentos de mestres que ora homenageio em nome dos professores eméritos Ibrahim Uhebe e João Eurico Mata. Com eles aprendi que a arte de administrar envolve um arco de diversas áreas do conhecimento, das ciências humanas e às exatas.

Ainda muito novo, no início da caminhada, o destino me levou para universidades estrangeiras que influenciaram na minha forma de pensar e de administrar resultados. Formados para planejar, organizar e gerir do dia a dia das empresas - caros colegas -, somos desafiados a maximizar resultados das instituições públicas e privadas.

Mas como fazer isto de forma inovadora numa economia cada vez mais globalizada - de alta velocidade -, onde redes sociais geram milhares de notícias novas por segundo, instruções normativas digitais implantam ou suspendem normas e bolsas de valores transferem capitais que impulsionam ou desaceleram empresas e economias?

*O que diriam Frederick Winslow Taylor e Henri Fayol, se fossem apresentados às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), à explosão demográfica e à realidade virtual dos dias atuais?*

Prezados colegas, fazendo uma ponte entre os pais da administração que nos meados do Século XIX influenciaram com suas teorias gerais a chamada “Era Progressista”, e a atual “Era das TICs” - fisicamente representada pelos celulares nas mãos de cada um de nós neste plenário -, convido-os, neste Dia do Administrador, para uma reflexão sobre o “Estado do Mundo”, com fatos e dados, matéria prima para transição da gestão tradicional para gestão verde. Antes vista como símbolo do ambientalismo, a gestão verde é adotada em todo o mundo como sinônimo de eficiência na gestão pública e privada, uma nova forma de administrar.

Para iniciar, lembro aqui da mensagem do chefe indígena Seattle, adotada pela Assembleia Geral da ONU como manifesto à vida. Ao receber, em 1855, a proposta do presidente americano de compra das suas terras, o cacique, surpreso e sacudido pelo choque cultural, respondeu: “*O homem branco pede para comprar a terra, como podemos vender se a terra não pertence aos homens, os homens é que pertencem a terra? Como comprar ou vender o céu, o frescor do vento? Tal ideia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água, como vão comprar de nós?*”.

A participação ativa na Eco 92, no Rio de Janeiro, onde o conceito do “Desenvolvimento Sustentável” foi oficialmente consagrado, marcou profissionalmente a minha vida. Naquele ano, a população global era de 5.4 bilhões de habitantes e o PIB mundial de 28 trilhões de dólares. 20 anos depois, com 7 bilhões de habitantes e um PIB de 78 trilhões de dólares (US\$ 50 tri a mais), a Cúpula da ONU, batizada de Rio+20, voltou a ser realizada no Brasil. Juntos, governos, corporações e sociedade civil fizeram o balanço do planeta, apurando lucros e prejuízos, debatendo o desenvolvimento global.

Balances em curso, observamos que em 1804 a população humana atingiu o primeiro bilhão (*os primeiros cursos de administração foram criados em 1881, na Wharton School da Universidade da Pennsylvania, na Philadelphia, Estados Unidos*). 130 anos depois, em 1930, chegou a 2 bilhões. Com os avanços da ciência e da tecnologia e a queda da mortalidade infantil, o ritmo acelerou, fomos para 3 bilhões em 1960 (*década em que a profissão de administrador foi regulamentada no Brasil - 1965*), pulamos para 6 bilhões em 1998 e, em 31 de outubro de 2011, atingimos oficialmente 7 bilhões de habitantes. Em um século acrescentamos 6 bilhões de habitantes ao planeta.

Caros colegas, como administrar a população atual, mais da metade urbana, crescendo ao ritmo de 80 milhões de novos habitantes/consumidores por ano? Em 1900, cerca de 150 milhões de pessoas moravam em cidades. Em 2000, eram 2,8 bilhões. Desde 2008, mais da metade da população da Terra vive amontoadas em cidades, fazendo dos humanos uma “espécie urbana” - cada vez mais imobilizada. A velocidade dos carros nos grandes centros urbanos hoje é igual a das carruagens puxadas literalmente a “dois cavalos” de força no início do Século XX.

A internet, que cobria 10% da população global em 2002, pulou para 33% em 2012 (e atingirá 60% em 2020). O Brasil, quinto país em população do mundo é a sétima maior economia do globo. Com 201 milhões de habitantes – 84% urbanos – , já tem mais de 270 milhões de celulares, dos quais, 70 milhões são terminais com acesso a internet via banda larga.

*“Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível de magia” - Arthur Clark*

Os gigantescos impactos demográficos, contudo, revelam o tamanho do desafio, dando novos contornos a mercados e evidenciando desigualdades, exigindo visão inovadora na administração das riquezas.

*Hoje, enquanto comemoramos o “Dia Nacional do Administrador”, 220 mil novos habitantes/consumidores estão sentados conosco à mesa do jantar global. 1/3 desses seres humanos não terá o que comer.*

*Fica aqui uma reflexão: Numa visão global, estamos administrando o que? A serviço de quem?*

Durante os preparativos para a Rio+20, o Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, desafiou a comunidade global: *“Precisamos de uma revolução. Pensamento revolucionário. Ação revolucionária... É fácil proferir as palavras ‘desenvolvimento sustentável’, mas para que isso aconteça temos que estar preparados para fazer grandes mudanças no estilo de vida, nos modelos econômicos, na organização social e na vida política”.*

Criado na década de 40 pelo economista britânico Richard Stone, a equação do PIB, focada apenas em valores monetários, não consegue mensurar a nova

eficiência das instituições, o valor da inovação, do capital social e do capital natural.

Novos indicadores macroeconômicos como o Índice de Progresso Genuíno – IPG, ampliam a equação do PIB para incluir fatores como a vida útil dos produtos, distribuição de renda, exaustão de recursos, poluição, tempo de lazer e trabalho voluntário. Atualizado anualmente, o IPG vem ganhando destaque junto com o conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB) e Índice de Desenvolvimento Humano Sustentável (IDHS). A administração moderna é influenciada por essas novas formas de pensar.

A sustentabilidade, ainda abordada apenas pelo viés ambiental, precisa ser entendida na sua dimensão real, envolvendo necessariamente aspectos sociais, culturais, econômicos, financeiros, tecnológicos, estruturais, etc. Quando apenas o viés da preservação ambiental é focado, o desequilíbrio emperra o desenvolvimento.

Se tivéssemos que escolher uma palavra como sinônimo de sustentabilidade, “equilíbrio” seria a escolhida. Sustentabilidade é a busca do equilíbrio dinâmico entre os complexos contextos da realidade – seja em uma casa, uma empresa, uma cidade, um país ou no Planeta. A gestão verde abraça o pensamento holístico apurando o olhar para ampliar a percepção dos ativos.

*“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”, ensina Albert Einstein.*

Prezados colegas, após este curto passeio pelo Estado do Mundo, limitados pelo tempo, convido-os a conectar com a realidade local da nossa querida Bahia, percebida de fora como berço da civilização do Brasil, maior biopotência global por sediar 16% do biopotencial do planeta.

A Bahia é o único estado brasileiro com 5 biomas distintos - Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, bioma costeiro e bioma marinho, com a maior faixa litorânea da chamada Amazônia Azul. Abunda em fontes renováveis de energias solar, eólica, hídrica e maré motriz. É rica em história, tradição, culturas e artes, e sobretudo é rica nas características do seu povo, hospitaleiro, afável e acolhedor.

Não posso deixar de destacar aqui a Baía de Todos os Santos, patrimônio natural que confere identidade aos baianos e institui o nome do Estado da Bahia. Somos baianos porque nascidos às margens da baía. A charmosa Cidade do Salvador,

emoldurada pela baía, é seca e molhada. Dos 693 km<sup>2</sup> da sua área total, 343 km<sup>2</sup> é território seco e 350 km<sup>2</sup>, é território molhado localizado nas águas da BTS. Políticas públicas baseadas na eficiência da gestão verde lançarão um novo olhar e darão um novo tratamento a esses ativos.

E por falar em política, faço aqui um corte para contar-lhes sobre uma bomba que explodiu no meu pensamento: O divórcio entre a política e o poder.

*Em visita ao Brasil, o renomado sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, afirmou: “vivemos um momento de divórcio entre a política e o poder”. Como é possível o poder divorciar-se da política, ou vice-versa, quando são, por natureza e respectivamente, causa e efeito?*

O voto que emana do poder do cidadão é válido todos os dias, não apenas quando somos convocados para as eleições. O chavão baiano “**sai do chão galera**” vai ser sentido nas eleições de 2014, traduzindo indignação, sacudindo eleitores e urnas. Aí sentiremos os efeitos do divórcio entre a política e o poder que nos fala Bauman, mostrando como as redes sociais, começam a resgatar o poder colocando-o de novo nas mãos do povo - todos os dias. Começamos a escrever uma nova história política onde a eficiência na gestão, denominada “gestão verde”, é a nova tendência internacional.

Diante do exposto, os colegas podem ter ideia de quanto o Conselho Regional de Administração se arriscou ao outorgar o título de “Administrador Emérito” a um profissional descolado, idealista e sonhador. O mérito que tenho - se é que tenho - é o de acreditar no novo, de guardar a convicção de que não temos o direito de roubar a esperança das novas gerações e de incentivar a importância da família como centro das nossas vidas.

Encerro agradecendo àqueles a quem tanto devo, afinal, o segredo revelado da sustentabilidade é a construção de inteligência nova em rede. Nada podemos fazer sozinhos.

Agradeço:

- A Deus por ter me tocado com o aquecedor e inquietante dom da fé.
- A Nossa Senhora, por seguir na frente todas as manhãs.
- À minha grande família unida – meu maior patrimônio – regada com muito amor. Meus saudosos pais. Minha mulher, meus seis

filhos, meu genro, minhas noras e meus quatro netos. Irmãos, sobrinhos, tios e primos. Juntos, cultivamos o elevado espírito da união.

- Aos meus mestres, brasileiros e estrangeiros, que habitando o meu imaginário, descortinam a visão e fermentam a minha amada profissão de administrador.

- Aos amigos que me forjam a cada dia. “Sem eles enlouqueceria”, me ensinou Vinicius de Moraes.

- Aos poetas, por me ensinarem desde cedo a garimpar a matéria-prima da realidade.

- Aos colegas Administradores que, comigo, têm o honroso desafio de “ir além”, construindo as redes da “Administração Verde”.

## MUITO OBRIGADO!

Discurso proferido no Conselho Regional de Administração da Bahia na Cerimônia de entrega do título de “Administrador Emérito - 2013” Centro de Convenções da Bahia, 03 de setembro de 2013